

A COR DA TERNURA E PONCIÁ VICÊNCIO: QUESTÕES DE IDENTIDADE E GÊNERO

Michelle Pinto da Silva (UEPB/PPGLI)
mipintouepb@hotmail.com
Sueli Meira Liebig (UEPB/PPGLI/Orientadora)
suelibig@hotmail.com

Introdução

Este trabalho se propõe a estudar as obras *A cor da ternura*,¹ de Geni Guimarães (1998) e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2003). Analisa-se em tais obras a construção da identidade e as questões de gênero associadas à resistência da mulher negra representada pelas personagens protagonistas, Geni e Ponciá. *A cor da ternura* e *Ponciá Vicêncio* são textos pertencentes à literatura afro-brasileira, uma literatura que na atualidade dá voz a uma população que se manteve por muito tempo no silêncio, e que atualmente, por meio de escritores afrodescendentes, assume cada vez mais espaços de expressão e reflexão no campo literário.

Por meio de uma linguagem carregada de significados, marcas de opressão e exclusão sofridas pela população afrodescendente, a literatura afro-brasileira nos dias atuais manifesta-se sob forma de protesto e denúncia. David Brookshaw (1983) - através de seus estudos sobre as teorias de representação e de autoria - diferencia esse tipo de literatura afro-brasileira de duas outras categorias de escritores: os da tradição erudita e os da tradição popular. Estes se fundamentam na assunção africana e no humor e aqueles marcados pelo recalque da condição afro-brasileira através de autores como Machado de Assis, Tobias Barreto e Cruz e Souza.

1. Literatura afro-brasileira ou negro-brasileira?

¹*A cor da ternura* foi publicada pela editora Mazza em 2001 com o nome Leite do Peito.

A denominação de uma literatura destinada às questões dos afrodescendentes é discutida por Maria Nazareth Soares Fonseca em seu artigo “Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira: como responder à polêmica?”, apontando divergências e preferências quanto a uma ou outra denominação. A esse respeito, a autora propõe:

(...) tanto o termo “negro (a)” como a expressão “afro-brasileiro (a)” são utilizados para caracterizar uma particularidade artística e literária ou mesmo uma cultura em especial. Com base nesse raciocínio, ambos os termos são vistos como excludentes, porque particularizam questões que deveriam ser discutidas levando-se em consideração a cultura do povo de um modo geral e não apenas as suas particularidades. (FONSECA, 2000, p. 12).

O fato é que várias questões são suscitadas neste âmbito, pois envolvem questões étnicas e culturais, que fazem refletir sobre até que ponto uma ou outra denominação, sendo mais ampla ou específica, torna-se ou não excludente. O poeta e crítico literário Cuti (2010), reflete sobre esse tema de modo diferenciado. Para este autor o termo apropriado é Literatura Negro-Brasileira, como assim intitulou seu livro, pois defende que os literatos ao fazerem “literatura negro-brasileira”, a fazem bem, não por ouvirem dizer ou falar, mas por sentirem a literatura pela própria vivência; por inserção em um grupo marcado pelo preconceito racial, que por meio da sua literariedade expõem suas vozes para ressignificação de sua raça. A esse respeito temos a ressalva de Brookshaw (1983), que afirma que os escritores negros raramente limitam-se à defesa de estereótipos criados pela tradição branca a respeito de sua raça e que, portanto, as suas produções transmitem uma perspectiva mais coerente aos aspectos reais de todo preconceito e opressão sofridos.

Como até o início do século XX, os escritos sobre a literatura afro-brasileira foi feita fundamentalmente por escritores brancos, estes o faziam sob o ponto de vista da sua posição de poder pertencente à classe dominante, destarte, como afirma Liebig (2010, p. 119) “... atribuíam aos negros estereótipos que invariavelmente levavam a uma imagem degradante do escravo e, posteriormente, do homem livre, cuja inferioridade na escala social era gritante.”.

Geni Guimarães e Conceição Evaristo sendo negras, criam, portanto, uma literatura que possui toda propriedade daqueles que sentem porque viveram; daqueles que, se já calaram um dia, hoje não mais consentem ou têm medo. Corroborando esta ideia, Cuti assim afirma:

A par do surgimento da personagem negra em livros de autores brancos ou mestiços, mediada pelo distanciamento, a produção de autores negros segue sua trajetória de

identidade e de consolidação gradativa de uma alteridade no ponto de emanção do discurso. (2010, p. 33)

Sendo assim, a criação de personagens negras elaboradas por escritores negros, permite uma aproximação no que concerne aos desígnios identitários. As heroínas negras das obras aqui em estudo, Geni e Ponciá, são uma criação das escritoras afrodescendentes, que representam de uma forma mais íntima a vivência negra, propiciando de maneira mais evidente a sua condição.

2. Autoras e protagonistas: busca/afirmação de suas identidades

Geni Guimarães descobriu seu interesse pela literatura através das poesias e histórias que, segundo a autora, em uma biografia escrita por ela, afirma que: "... lia em tudo quanto eram livros, revistas e jornais que encontrava.". Observa ainda que ao entrar em contato com a literatura negra, seu trabalho ficou mais definido por "motivos de identidade". (GUIMARÃES, 1998, p. 94).

A cor da ternura, narrado em primeira pessoa pela narradora-personagem Geni, conta as memórias da autora desde a sua infância até a fase adulta. A protagonista passa durante a narrativa por um estado de maturidade, que se inicia nas primeiras páginas quando tem seu lugar substituído pela chegada do irmão caçula. Passa pelo relato de suas experiências ao chegar à escola, onde já se percebe que tem habilidades para escrever poemas, culminando com a descoberta de sua cor e com esta todo o racismo e o preconceito que existem na sociedade.

No conto chamado "Metamorfose", o leitor choca-se quando se depara com a tentativa da protagonista de tirar todo o "negro da pele" com o pó que vinha da trituração dos tijolos que era usado para limpar os utensílios:

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água. (GUIMARÃES, 1998, p. 69)

Refletindo sobre esta conjuntura, o historiador, poeta e ensaísta Antonio Risério afirma que "O negro, numa sociedade escravista (ou "apenas" discriminatória), é uma fábrica de defesas psicológicas." (1993, p. 78). Neste aspecto, este autor discute sobre a relação do negro com a sua cor, e como essa relação pode levar à constituição de uma autonegação. Sob

tal perspectiva, no conto “Primeiras lembranças” numa conversa com sua mãe, Geni lhe pergunta:

(...)

___Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?

___ Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? ___ Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: ___ Você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... (GUIMARÃES, 1998, p. 10).

É importante ressaltar na obra, o relato do seu encontro com a palavra e a arte literária. Em “Força flutuante”, Geni, já com o diploma de professora em mãos, sai em busca de emprego. As óbvias dificuldades expuseram-se, mas ela conseguiu superá-las e a partir daí tem-se o efetivo início da sua vivência com a literariedade.

É neste estágio de consciência de si e da sua cor que a personagem constrói a sua identidade. A questão da resistência e da construção identitária, é abordada em toda a obra, gerando reflexões sobre questões étnicas e de gênero que estão na agenda dos estudos pós-coloniais.

Conceição Evaristo, assim como a sua mãe, não teve uma vida fácil. Trabalhou como doméstica, e como esta, participava da lavagem de roupas das patroas. Os seus estudos não se deram de melhor sorte num primeiro momento, já que encontrou dificuldades para concluí-los. Porém, mesmo diante das adversidades, a referida autora conseguiu firmar-se no meio literário, compondo uma obra composta por poesias, romances e contos.

Seu romance *Ponciá Vicêncio*, o mais festejado pela crítica literária, traz uma narrativa que se organiza através das memórias da protagonista Ponciá, apresentando um tempo psicológico nas experiências por que passa desde a sua infância até a maturidade. A busca pela reconstrução da sua identidade, da memória e da família são uma constante na narrativa. Nesta obra percebe-se todo o dilema de Ponciá, que migra para a cidade grande em busca de melhores condições.

Numa vida marcada por tragédias e perdas (família, filhos) a única coisa que não se perde na personagem é a crença que leva consigo sobre o futuro:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino. (EVARISTO, 2003, p. 35).

A questão da resistência à adoção de uma identidade forjada está presente em uma das passagens da obra, na qual Ponciá afirma que quando era menina sonhava em ter outro nome para si, pois ao chamá-lo “Não ouvia o seu nome responder dentro de si” (EVARISTO, 2003, p. 16). Essa passagem remete ao seu sobrenome “Vicêncio”, herdado do dono de seus antepassados, fato que lhe dava a sensação de desprovimento da origem que lhe fora usurpada.

Em uma das passagens do romance, tem-se um dos poucos momentos em que Ponciá consegue ser ela própria:

Gostava da roça, do rio que corria entre pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. (EVARISTO, 2003, p. 09-10).

Nesta representação, Ponciá se encontra em um dos poucos momentos de identificação, que contrastam com tantos outros momentos desprovidos desse sentimento, já que a personagem, passando por estágios de negação de si própria, sente a necessidade de buscar e/ou construir a sua identidade.

Assim como muitas mulheres, Ponciá sonhava em casar e ter filhos. Ser uma boa dona de casa e, conseqüentemente boa esposa, consistia em um dos principais objetivos do ser feminino. Os filhos, ela não conseguiu ter, já que as suas gestações não tiveram sucesso, como se pode perceber nesta passagem “Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho.” (EVARISTO, 2003, p. 53).

A sua relação com companheiro não se deu de maneira menos conflituosa. Equiparando-o ao silêncio dos homens no espaço doméstico, Ponciá associa-o a seu pai e a seu irmão:

O pai e o irmão haviam sido exemplos do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos que a precisão dela. Quantas vezes quis ouvir, por exemplo, se o dia dele tinha sido difícil, se o pequeno machucado que ele trazia na testa tinha sido causado por algum tijolo, ou mesmo saber quando começaria a nova obra.(...) e, então, um misto de raiva e desaponto tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além do corpo, que não se tocavam para além da pele. (EVARISTO, 2003, p. 67).

Stuart Hall (2005) em seus estudos sobre cultura e identidade afirma que esta é algo que não se acaba em si, porta-se como um processo constante, que surge de um preenchimento que advém do exterior pela forma como se pensa ser visto ou reconhecido pelo outro. Dessa forma, como Ponciá não possui uma efetiva comunicação com o marido, esta não tem como saber como é vista ou reconhecida por esse outro, o que justifica o aparente “vazio” da relação homem/mulher, e que, conseqüentemente, contribui para o conflito identitário vivido pela personagem.

Nesta perspectiva, em *Presenças do outro* de Eric Landowski, encontram-se reflexões a respeito da relação alteridade X identidade. Confirmando-se nas relações com o outro, a forma como alguém se identifica ultrapassa os limites de autodefinição e pauta-se nas relações que se tem com o Outro:

Com efeito, o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a *alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (LANDOWSKI, 2002, p. 04).

As personagens protagonistas em estudo, assim, sentem dificuldade de fazerem-se reconhecer. No entanto, lutam para encontrar um lugar para si na sociedade e o que se percebe é que elas não esmorecem e buscam a sua construção identitária, enfrentando e resistindo às adversidades da vida.

A ida de Ponciá para a cidade em busca de melhores condições de vida demonstra resistência e insatisfação com a sua identidade. Já no conto “Alicerce”, em *A cor da ternura*, Geni pergunta ao pai o que mulher pode estudar. Sem muitas expectativas, o pai responde-lhe que “costureira, professora...”, possíveis profissões cabíveis à mulher. A menina diz-lhe então que será professora porque “queria que ele esquecesse as durezas da vida.” (GUIMARÃES, 1998, p. 72). E assim se fez. Geni conseguiu ser professora, apesar das dificuldades e obstáculos que sofreu na sua jornada.

Cuti, em capítulo intitulado: “Identidade por dentro”, aponta para a existência de identidades na história da humanidade e que estas sendo étnicas ou religiosas e até mesmo nacionais, podem servir para a destruição das pessoas. No entanto, ele afirma que: “viver sem identidade alguma seria cair na anomia completa.” (CUTI, 2010, p. 85).

Assim, percebe-se este fato nas personagens femininas das duas narrativas, que se mostram neste estado de falta de objetivos e perda completa de suas identidades, mas que não desistem, continuando a buscar a sua afirmação identitária.

Ponciá, após ter passado por todas as mazelas, tem seu sofrimento amenizado quanto à perda da família, tanto através do reencontro com a mãe e o irmão, como pelo seu encontro com a arte da cerâmica, o que a faz afirmar-se como mulher.

Da mesma maneira, Geni sobrepõe-se às dificuldades do dia a dia e consegue situar-se numa sociedade preconceituosa. Mesmo enfrentando desafios e provações, consegue firmar-se em sua profissão, o que mais tarde irá levá-la ao encontro com a arte literária:

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência”. (GUIMARÃES, 1998, p. 87).

3. A problemática do gênero nas obras em estudo

A questão de gênero se observa como mais um obstáculo a ser vencido. Viver num país que possui uma herança de preconceitos, que coloca a mulher em segundo plano, ainda mais sendo negra, constitui-se em mais um desafio. Nesta perspectiva apontam-se as proposições de Octavio Paz, quando este afirma que a mulher sempre foi “... ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma”. (PAZ, 1992, p. 178). O fato de não conseguir ser ela mesma advém da dependência sócio-cultural da mulher em relação ao homem, já que aquela tende a seguir a Ordem falocêntrica.

No âmbito da criação literária de personagens femininas, pode-se encontrar essa mesma subjugação ou subserviência, pois como afirma Hall (2005) grande número dessas personagens vivem à sombra dessa ordem. Nas personagens femininas em estudo, encontra-se essa dependência à medida que se identifica certos comportamentos que obedecem aos padrões patriarcais. Vale ressaltar, no entanto, que estas personagens, mesmo arroladas ao patriarcalismo, demonstram uma consciência dessa situação e até certo ponto lutam contra tal.

Um dos momentos mais conflituosos com relação à temática do gênero em *Ponciá Vicêncio* dá-se quando a personagem Ponciá, remetendo a uma crença da sua infância - que ao passar debaixo de um arco-íris poderia virar um menino - sente o desejo de tornar-se homem para poder revidar a uma agressão do marido:

Deu-lhe um soco violento nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele”. (EVARISTO, 2003, p. 20).

O desejo de Ponciá de virar homem, demonstra a consciência que tem da superioridade dada ao masculino, que dentro de uma sociedade patriarcal oprime a figura feminina fazendo com que esta se mantenha em submissão e dependência à figura do homem.

Em *Mulheres representadas na literatura de autoria feminina*, o professor e pesquisador dos assuntos de gênero Antonio de Pádua Dias da Silva (2010), faz um estudo através das obras de duas escritoras (Dôra Limeira e Ivana Arruda Leite) sobre a dependência sócio-cultural e psíquica vivenciada pelas personagens femininas que demonstram, segundo as suas observações, um estado de dependência à Ordem falocêntrica, afirmando ainda que, quando ocorre uma transgressão a essa ordem, as personagens criadas são acometidas do sentimento de solidão. Assim, tais personagens enfrentam o “paradoxo do existir” suscitado entre o “depende do outro” e o “emancipar-se”.

Pode-se afirmar que a situação vivida por Ponciá assemelha-se a esse “paradoxo do existir” defendido por Silva (2010), já que diante de uma situação de opressão, a mesma sente o ímpeto de transgredir àquele estado de inferioridade, no entanto, acaba por ceder mais uma vez à ordem falocêntrica.

Buscando a afirmação da sua raça e do seu gênero, Geni e Ponciá, demonstram-se resistentes e representam a figura feminina que tenta se sobrepor ao preconceito de uma sociedade patriarcal. Dentre o enfrentamento a diversas submissões, ambas têm o seu encontro com arte, representando desta forma a inserção da mulher num contexto artístico.

Apontando as dificuldades que a mulher teve que enfrentar para se inserir no contexto literário, a autora Nádya Battella Gotlib, reflete:

A condição de subordinação da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal, de passado colonial, tal como noutros países da América Latina colonizados por europeus, deixou as suas marcas. Talvez a mais evidente delas seja a do silêncio e a de uma ausência, notada tanto no cenário público da vida cultural literária, quando no registro das histórias da nossa literatura. (GOTLIB, acesso em: 21/03/12).

Destarte, se a condição primeira da mulher ao longo da história se apresenta através dessas marcas de submissão, maior subordinação carrega aquela que além de ser mulher, é negra.

Conclusão

No Brasil, a discriminação pela cor da pele e pela presença de traços fenotípicos africanos ocorre de modo sutil, principalmente dependendo da condição social do negro. Schwarcz (1998), ao comentar sobre a democracia racial, afirma que o Brasil traz a imagem de um país mestiço – nem preto, nem branco, muito antes pelo contrário –, e reforça que a mistura das raças que formaram o povo brasileiro, fez com que acreditassem que não existe racismo no país, pois dar a entender que todos os brasileiros são mestiços (SCHWARCZ, 1998).

Diante do exposto, ressalta-se a pertinência do referido estudo, já que as questões de identidade, vivência e resistência - atreladas à problemática do gênero - mantêm-se fortemente presentes na vida da população negra, que traz ao longo da sua história espoliações contra a sua raça e a sua cor, fatos representados nas obras em estudo através das personagens protagonistas.

Como espaço para ressignificação das vozes dos afrodescendentes, encontra-se a literatura afro-brasileira, que por meio, principalmente de autores afrodescendentes, tem dado visibilidade a todos aqueles que foram vítimas de preconceito e que por algum tempo mantiveram-se em silêncio, mas que atualmente têm se feito ouvir.

Assim, por meio do estudo das obras supracitadas, reiteram-se os movimentos de luta e protesto em favor dessa população, enfatizando as questões de gênero e identidade, as quais se constituem nas relações de alteridade, que para afirmação desta última tem-se que desempenhar aspectos de resistências, através de suas vivências.

Referências

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira: como responder à polêmica?**. Disponível em: <http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileiracl.pdf> Acessado em: 20 de dez. de 2011.

_____. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOTLIB, Nádia Battela. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_nadia_gotlib.htm Acesso em: 21 de mar. de 2012.

GUIMARÃES, Gen. **A cor da ternura**. 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LANDOWSKI, Eric. Buscas de identidade, crises de alteridade. In: **Presenças do outro: ensaios de sossiosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 3-29.

LIEBIG, Sueli Meira. Raça, mito e resistência. In: **A Literatura Negra no Brasil**. João Pessoa: Fotograf, 2010.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RISÉRIO, Antonio. Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade**. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: Vozes de permanência e poética da agressão**. In: **O paradoxo das mulheres na ficção de autoras brasileiras: introdução à hipótese de trabalho**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.